

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS PISCINAS OLIVAIS

ESCOLA BÁSICA DO 1º CICLO Nº 175

Santa Maria dos Olivais

Uma cultura de escola

Cultura pode ser vista como o modo como dormimos, comemos, como nos vestimos, fazemos a nossa higiene, nos divertimos, o modo como nos ligamos às coisas e aos outros. Assim, quando uma criança pequena chega à escola traz consigo um património cultural mais ou menos fácil de se harmonizar com a cultura escolar que a acolhe.

As crianças e jovens ciganos realojados no Bairro Alfredo Bensaúde, que têm vindo a chegar à Escola de Santa Maria dos Olivais – EB1 nº 175 – em número muito elevado desde 2004, são uma espécie de veículo familiar para atingir um objectivo: garantir à sua família o Rendimento Mínimo que o Estado dá desde que cumpram a escolaridade obrigatória. Esta tem sido a difícil situação com que a Escola tem vindo a ser confrontada: integrar estas crianças que trazem hábitos quotidianos completamente desfasados dos horários, ritmos e exigências escolares. São crianças e jovens simplesmente predispostos a reagir a todas as contrariedades, quer se trate da falta de sentido das situações que se lhes apresentam, quer se trate de “tirar partido” de situações de fragilidade para se afirmarem como “dominantes”, ou ainda resolver qualquer tipo de conflito no interior do espaço escolar, com recurso fácil a formas violentas.

A aplicação da nossa proposta de intervenção, no âmbito do Programa TEIP II, permitiu-nos construir uma resposta à questão central que a todos preocupava:

O que podemos fazer, na escola, para combater a violência?

E, as respostas que encontrámos foram sumariamente as seguintes:

- **desenvolver e aperfeiçoar a comunicação** no seio da comunidade escolar em geral e com as crianças, em particular, proporcionando-lhes actividades que desenvolvam e disciplinem não só a comunicação com os outros mas também aquilo a que, na infância, chamamos de “fala interior”, ou seja, o hábito de escutar e acolher o que nos é

transmitido de modo a com isso se poderem construir os diálogos internos de pensamento e consciência de si, dos outros e do que nos rodeia;

- **ir ao encontro das linguagens e tipos de inteligência dominantes** na comunidade cigana, para mais fácil e eficazmente atingir o item anterior;

- **seleccionar**, sempre que possível, **programas** cuja qualidade e características **se dirijam ao ser humano, para lá da sua condição cultural I**, ou seja, programas que de algum modo utilizam formas de linguagem universal;

- **apoiar** o grupo dos professores, técnicos e pessoal não docente, **desenvolvendo um forte espírito de coesão, entreajuda e solidariedade.**

Seguiu-se a procura dos instrumentos mais adequados para atingir os objectivos que nos propuséramos. São cinco os nossos instrumentos estratégicos essenciais:

- Um **Programa de Matemática**, através do qual as crianças aprendem a Matemática como uma linguagem e encontram nas situações de interacção com o grupo um apoio que cultiva não a competição entre elas mas uma competição consigo mesmas; onde todos têm possibilidade de intervir ao seu nível e de progredir e trabalhar individualmente. Além disso o programa promove também, de forma muito adequada, o hábito de ouvir as opiniões dos outros para encontrar soluções para um problema comum e perceber que a forma de pensar dos outros é fonte de ajuda e de ver mais longe. A aplicação deste programa aos mais novos, 4,5 anos e 1º e 2º anos, tem vindo a mostrar, um grande interesse e entusiasmo por parte das crianças e traz, às turmas que o aplicam, uma enorme mais valia: um aumento significativo na auto-estima das crianças, o gosto pelo pensamento lógico e pelas relações matemáticas, a assimilação de regras e hábitos fundamentais na comunicação: levantar o dedo e esperar a sua vez, ter direito a ser ouvido e a ouvir os outros e a descoberta de que pensar com os outros é uma ajuda preciosa que se opõe, natural e inconscientemente às formas de domínio pela agressão, ameaça e coacção. Este ano, pretende-se que os professores da escola tenham mais contacto não só com o Programa em si, mas também que possam assistir a aulas dos que já o ensinam assim como a reuniões com os pais das crianças que estão a aprender, por ele. O objectivo é cativar os professores e encorajá-los a vencer receios e a adoptar novas metodologias no ensino desta área ;

- Um projecto, na área das Expressões – **Projecto Agualela** – cuja metodologia assenta nos princípios da Pedagogia Waldorf aplicados às Expressões artísticas e que concilia a aprendizagem e experiência das cores primárias com o desenvolvimento das capacidades de abstracção e imaginação, com o controle de movimentos específicos,

com as regras de preparação, execução e limpeza relativas à realização total da actividade.

Para além do gosto e prazer demonstrado pelas crianças, esta prática trouxe um clima de grande concentração e serenidade provavelmente devidas às características terapêuticas que o método inclui; foi uma forma de lançar o hábito importante de envolver a escola em actividades de natureza artística como forma de cultivar o Belo e o Espírito Humano.

Actualmente está a ser montada uma sala de Expressão Plástica para que todas as crianças da escola possam, de forma sistemática, aceder às práticas artísticas.

- A prática da **Educação Física, Dança e Música**, orientadas por técnicos especializados, têm sido outra grande mais valia para a escola e em particular para os grupos que delas usufruíram de forma mais directa. Com efeito a Música e a Dança são, para as crianças desta etnia, linguagens expressivas a que aderem de forma muito espontânea e genuína. A Educação Física, por seu lado, desempenha um papel crucial no equilíbrio do corpo e da mente e na interiorização de todo o processo educativo; ela trabalha entre muitos outros aspectos, o controle essencial do parar e do mexer, do calar e do falar, que estão na base do processo de desenvolvimento equilibrado e harmonioso. Nas festas da escola e em outros eventos, a comunidade educativa pôde apreciar, em particular, os resultados do trabalho efectuado nestas áreas. Ela tem sido fonte de grande incentivo à auto estima das crianças e de valorização do “Eu consigo!”.

Este ano, a **Educação Física, a Música** e a **Informática** serão partilhadas com todas as turmas da escola sob a forma de **Oficinas** com projectos específicos a desenvolver em estreita colaboração curricular com os professores.

- A **hora do conto** foi orientada, no ano lectivo passado, por um professor da Cooperativa “A Torre” nossa parceira no projecto. Ele deslocou-se à hora do almoço à escola e contou, por episódios, lendas e contos muito interessantes e adequados às idades dos nossos grupos de crianças. O desenvolvimento da capacidade de silenciar, escutar e imaginar a partir do que se ouve é crucial na construção da intimidade e da consciência que nos torna humanos.

Este ano, no primeiro período, na turma do 1º ano, foram contados regularmente contos, geralmente em 3 partes e escritos por um professor. Eles contemplam, no seu conteúdo, elementos, características e referências próprias da idade das crianças e exploram alguns aspectos iniciáticos relativos ao crescimento, à Língua Materna e à Linguagem Matemática. Enquadram-se nas chamadas Histórias Matéria que originam diálogos

preparatórios das aprendizagens seguintes que exigirão mais capacidades de raciocínio e poder de análise; por exemplo a exploração lúdica e naturalista das vogais cujos sons estão ligados aos sentimentos universais e à afectividade interior ou a escolha de histórias, canções e gestos associados aos números e aos dedos da mão.

Neste 2º período, vai dar-se início, à hora do conto a seguir ao almoço para os mais velhos. É uma forma de os iniciar aos conteúdos dos livros “grossos” de forma oral e adequada aos seus níveis de literacia. O projecto desenrolar-se-á na biblioteca tendo como suporte um livro de Micheal Ende “MOMO”, será contado e suportado apenas por algumas imagens chave da História. Aqui o enquadramento é nas chamadas Histórias Alimento da Alma que pretendem atingir o imaginário e o ser presente e futuro das crianças, como um todo.

Como não sabemos qual vai ser a reacção dos grupos a que se destina, estamos preparados para introduzir uma abordagem com recurso à metodologia da Filosofia para Crianças Pequenas, no caso de surgirem perguntas ou questões espontâneas das crianças a propósito do que forem ouvindo.

O conjunto de instrumentos que escolhemos constitui o interface que pretende favorecer a vivência conjunta de professores e alunos para responder a um desafio comum: fazer da adversidade um pretexto de aperfeiçoamento curricular, educativo e ético de tal forma que não se ouça vindo das bocas dos nossos alunos: “Não sei para que é que isso serve” ou “Isto não tem interesse nenhum”.

Também servem para facilitar a tarefa diária de cada elemento da comunidade escolar de verem na Escola um grande Athanor onde cada um, à sua maneira e na sua medida, possa contribuir para a lenta transformação das múltiplas formas de violência e agressividade em canais de comunicação através dos quais o cheiro da serenidade possa espalhar-se.

Podem ainda ajudar a germinar as frágeis e delicadas sementes que alimentam o Amor Humano: o respeito pelo outro, qualquer que seja a sua idade e condição, o espírito de entreajuda gerador de alegria fraterna, o aumento constante da consciência de si gerador de liberdade.

Ao lermos tudo isto pode-se ficar com a impressão de que transformámos a Escola no melhor dos mundos. Não, a realidade não é essa. Se alguém hoje entrar na escola de Santa Maria dos Olivais deparar-se-á com uma escola perfeitamente normal, a funcionar tranquilamente, com um enorme rigor pelos tempos curriculares oficialmente estabelecidos, com turmas com 20 a 24 alunos, com um nível de assiduidade na ordem

dos 90%, sem casos de abandono escolar e... aí sim talvez que os mais atentos notem a presença, aqui e ali, de uma Grande batalha para vencer o insucesso escolar: no sentido de vida que atravessa certas situações de aprendizagem, na fluência de saberes e competências que se entrelaçam harmoniosamente como pérolas que se enfiavam no colar da infância, na força de identidade que se pode sentir ao entrar nas salas de certos grupos de crianças, no cheiro subtil a serenidade acabada de chegar.